

Cyro e Drummond: contemporâneos de um mundo caduco
Cyro and Drummond: contemporaries of an obsolete world

Michele de Araújo

Universidade de São Paulo

<https://orcid.org/0000-0003-2628-311X>

midearaujo@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo é um passeio entre as obras dos escritores mineiros Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos em um recorte de tempo específico: de 1930, data da publicação de *Alguma poesia*, até 1940, data da publicação de *Sentimento do Mundo*, passando ainda pela publicação de *Brejo das Almas* (1934), livros de Drummond. O mesmo período compreende também a publicação de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos (1937). Além dos livros mencionados, vamos utilizar para nossa análise trechos de correspondências trocadas entre os autores.

A escolha temporal serve para fazer um recorte tanto histórico do país e, conseqüentemente, de Minas Gerais, como também um recorte da vida literária dos dois autores. Além disso, essa seleção visa a uma análise epistolográfica que tem como objetivo aproximar os dois autores mineiros a partir dos temas em comum presentes em suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura mineira; Cyro dos Anjos; Drummond; Gauchismo; História do Brasil.

ABSTRACT: *The present article is a tour between the works of the Minas Gerais writers Carlos Drummond de Andrade and Cyro dos Anjos in a specific moment: from 1930, the date of the publication of *Alguma poesia*, until 1940, the date of the publication of *Sentimento do Mundo*, also passing for the publication of *Brejo das Almas* (1934), books by Drummond. The same period also includes the publication of *O amanuense Belmiro*, by Cyro dos Anjos (1937). In addition to the books mentioned, we will use for our analysis excerpts of correspondence exchanged between the authors.*

The temporal choice serves to make both the country and, consequently, Minas Gerais, as well as an outline of the literary life of the two authors. In addition, this selection aims at an epistological analysis that aims to bring the two authors from Minas Gerais closer to the common themes present in their lives.

KEYWORDS: *Literature of Minas Gerais; Cyro dos Anjos; Drummond; Gauchism; History of Brazil.*

Introdução

A literatura em Minas Gerais sempre teve destaque no quadro nacional, sobretudo na efervescente década de 30. Enquanto a literatura do Nordeste – também chamada literatura do Norte – era conhecida à época por seu caráter mais social (podemos citar escritores como Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos), a literatura do Sul, especialmente a de Minas Gerais, sempre foi conhecida por seu traço mais subjetivo,

peçoal, em que se destacavam os problemas enfrentados por um certo “eu” (aqui, além de Carlos Drummond de Andrade e de Cyro dos Anjos, autores trabalhados no presente artigo, vale ainda destacar nomes como Murilo Mendes, Pedro Nava, e, mais tardiamente, Guimarães Rosa – que inicia sua produção na década de 40).

Sabemos que essa visão Norte e Sul é bastante simplista, mas aponta, em algum grau, os objetos que mais se destacavam na produção literária do Brasil à época. Do ponto de vista da produção literária do chamado Norte, a preocupação social de escritores como Graciliano Ramos e Jorge Amado era algo latente e seus personagens eram muito movidos pelo entorno.

No polo oposto, embora o mundo seja parte importante da obra dos autores mineiros de que iremos tratar, não podemos negar a importância do olhar do “eu” sobre esse mundo, que serve como um ponto referencial.

Drummond, em seu livro inaugural, *Alguma Poesia*, já no primeiro texto, “Poema das sete faces”, apresenta como figura central o sujeito atravessado por um mundo complexo, tendo que lidar com ele e seus sentimentos a partir de várias perspectivas, vários “eus”. Não é por acaso que esse é o primeiro poema da obra, pois os temas apresentados nele farão parte de todo o livro, com maior ou menor intensidade.

Cabe destacar aqui que já temos um sujeito em ruptura, fragmentado a ponto de ser múltiplo, sendo também contraditório, pois ao mesmo tempo em que é sério e forte, é fraco: “O homem atrás do bigode / é sério, simples e forte.” “Meu Deus, porque me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”. É lírico, mas está imerso em desejo: “pernas brancas pretas amarelas”. (DRUMMOND, 2005, p. 15). Todos esses valores são forjados por um sujeito *gauche* amaldiçoado por um anjo torto e esquecido por Deus, logo, não podia ser muito diferente; o abandono do “eu” já está dado desde sempre.

Essa mesma estrutura fragmentada está igualmente presente em *O Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. Belmiro, personagem principal do romance em forma de diário, está sempre dividido entre o passado e o presente, entre o campo e a cidade:

A Rua Erê não é atrativa, neste particular, com sua reduzida fauna humana. Talvez seja isso que sempre me leva a passear o pensamento por outras ruas e por outros tempos. Como o Natal me fez saudosista! Eu fechava os olhos, e a Ladeira da Conceição surgia, diante de mim, com a nitidez de um acontecimento matinal. Vila Caraíbas e seu cortejo de doces fantasmas. (ANJOS, 2006, p. 20 e 21)

Depois de ter andado inquieto como uma galinha sem ninho [...] pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim, no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum que, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. (ANJOS, 2006, p. 26 e 27)

É como se um levasse ao outro, mas aquele homem maduro e urbano, frequentador da vida agitada de Belo Horizonte, sempre se sente deslocado em relação ao outro, rural e juvenil. Embora muitas vezes deixe esse passado entrar, para não lidar com as demandas do presente, sente-se ao mesmo tempo patético: “Esse absurdo do romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro.” (ANJOS, 2006, p. 33), um gauche, desajustado à vida que possui, pois se perde em um tempo que já foi.

Entendemos a estrutura do ser fragmentado não apenas como fenômeno individual, mas também como reflexo de um período histórico muito específico no Brasil – após Proclamação da República – e neste artigo procuraremos também analisar quais as consequências disso na vida das famílias abastadas, que deixam o campo e vão para a cidade cumprir funções dentro do funcionalismo público.

Ao final, trataremos da importância da literatura como uma tentativa de conciliar o sujeito e o mundo, mesmo com todas as contradições.

Mundo, mundo, duplo mundo

Muitos escritores do século passado são oriundos de famílias que tinham propriedades e que, após a Proclamação da República e a abolição da escravatura, perdem prestígio e riqueza.

É por esta razão, por um certo empobrecimento, que às novas gerações caberá tentar a sorte na “cidade grande” (obviamente usufruindo de seu capital cultural – aqui estamos pensando no conceito de Pierre Bourdieu –, mas sem as posses de antes ou o poder que suas famílias exerceram). Daí surge a classe dos trabalhadores letrados, que muitas vezes se aventuram entre o funcionalismo público e as redações de jornais, dois espaços nos quais Cyro e Drummond se fizeram.

Mesmo que pertençam a essa nova classe de burgueses, a presença do campo e do passado escravocrata emerge de seus textos. No trecho a seguir, Belmiro Borba, personagem narrador do romance de Cyro dos Anjos, apresenta vagas lembranças da escravidão e do período pós-abolição, descrevendo a origem de sua família e justificando o comportamento arreado das irmãs, criadas com/por escravas:

Foram criadas como bicho-do-mato. Como isso doía ao Borba, que sonhava mandá-las estudar em Diamantina! Vivendo só na fazenda e em meio de antigas escravas, que lá permaneceram depois do 13 de Maio, Emília e Francisquinha aprenderam com elas o pouco que sabiam do mundo e da língua. (ANJOS, 2006, p. 222 e 223)

Belmiro também vê na figura do avô (proprietário de fazenda, logo, de escravos) toda a representação de um poder de um “mundo caduco”; sabe que a força dos Borbas foi extinta e ele não mais a representa:

A velha fazenda, que foi dos Borbas, exibiu-me apenas a ossatura desnuda daquilo que, em outros tempos, fora um corpo exuberante de vida. (ANJOS, 2006, p. 94)

Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve o seu brilho rural. [...] (ANJOS, 2006, p. 21)

Já na poesia de Drummond, a perda de prestígio e poder é uma constante, mas aparece de maneira mais vertiginosa em *Sentimento do Mundo*, livro escrito em 1940. Aqui, a constatação da queda, da falta, anuncia o presente no funcionalismo público, última esperança para os filhos e netos de famílias abastadas que sofreram com a erosão do sistema escravocrata:

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (DRUMMOND, 2012, p. 13)

A propósito, o poder de condensação de Drummond nesses quatro versos é espantoso. Nele há informações do passado e do presente de toda uma geração de jovens escritores ou jornalistas do início do século passado e que tiveram o mesmo destino. Em uma análise sobre os escritores da década de 30 e sua relação com o poder então vigente, Antonio Candido aponta como a influência desses fatos históricos marcam nossos principais escritos e suas produções literárias a partir da imagem de decadência:

Sempre me intrigou o fato de num país novo como o Brasil, e num século como o nosso, a ficção, a poesia, o teatro produzirem a maioria das obras de valor no

tema da decadência - social, familiar, pessoal. Assim vemos em Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Ciro [sic] dos Anjos [...]. (CANDIDO *in* MICELI, 2001, p. 75)

A decadência apontada por Candido é a mesma sensação de derrotismo que já havia sido apontada por Mário de Andrade ao falar da figura do fracassado, do desfibrado. Embora para Mário não exista uma raiz que a explicaria, percebemos nela (ao menos a partir de grande parte das personagens que ele cita) a presença desse passado que se choca com o presente das personagens dos romances (e aqui também nos estendemos à poesia):

[...] em nossa literatura de ficção, romance ou conto, o que está aparecendo com abundância não é este fracasso derivado de duas forças em luta, mas a descrição do ser sem força nenhuma, do indivíduo desfibrado, incompetente para viver, e que não consegue opor elemento pessoal nenhum, nenhum traço de caráter, nenhum músculo como nenhum ideal, contra a vida ambiente. (ANDRADE, 1974, p. 190)

O que podemos observar, no entanto, é que esse passado tem uma força ímpar na vida e na obra desses escritores. Em carta enviada a Cyro, Drummond, já morando no Rio de Janeiro, descreve a violência com que as lembranças da infância invadem sua vida:

As recordações da infância, principalmente, que eram quase ocultas na minha vida emotiva, são hoje violentas e numerosas. E o passado próximo, que considero tão perdido como o tempo, igualmente me perturba a um ponto que você nem pode avaliar como é doloroso embora seja evidente o prazer que eu sinto em recompô-lo. (Carta de Drummond de 22 de julho de 1936, p. 81)⁸

Vale ressaltar também a importância que essas lembranças trazem para constituir o ser do presente; neste sentido, elas são também material bruto para a poesia. Ao tratar do passado, também estamos falando, de certa forma, do presente: o ser presente olha para o passado e o ressignifica, para significar a si mesmo.

Dentro desse horizonte, o passado e o presente são duplos que se completam. Alcides Villaça, em *Passos de Drummond* (2006), aponta as inquietudes do poeta mineiro e de suas antinomias. Para ele:

Uma antinomia básica [...] nasce da difícil composição entre o apego e o desapego pelas origens familiares, confundidas com o estatuto da família patriarcal e o universo provinciano, entre a identificação e a desidentificação com a recém-aberta perspectiva modernista, a que o poeta adere com relativização e desconfiança. (VILLAÇA, 2006, p. 39)

⁸ Escolhemos citar as cartas por quem as escreveu e a data. Todas essas referências epistolográficas estão no livro *Cyro & Drummond: correspondências de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade* (2012), organizado por Wander Melo Miranda e Roberto Said. Na citação, ainda nos referenciamos à página em que a carta se encontra no livro.

Aliás, a desconfiança apontada popularmente como própria dos mineiros é reflexo de um olhar para o mundo e para si ao mesmo tempo. Nesse olhar duplo, não é possível encontrar um lugar único, estático, há sempre uma dialética entre o passado e o presente, o “eu” e o outro. Ao olhar para si, sua história, sua individualidade, encontramos também o mundo, e esse mesmo olhar para o mundo se volta em um olhar para si. Podemos observar isso no poema “Sesta”: “A família mineira / olha para dentro.” (DRUMMOND, 2005, p. 107) -, essa será a mesma direção para a qual o narrador de *O Amanuense Belmiro* também vai olhar: “As coisas não estão no espaço, leitor; as coisas estão no tempo. [...] Na verdade, as coisas estão é no tempo, e o tempo está é dentro de nós.” (ANJOS, 2006, p. 94).

Vamos, juntos, ser *gauche* na vida

Sempre atribuímos a imagem do *gauche* a Drummond, e não é por acaso. Essa figura, apresentada já em seu poema inaugural, chama a atenção por tratar do ser inadaptado, inábil, errante, pois é ora um, ora outro - ora sóbrio e sério, ora cômico e desejante.

Em *Coração Partido* (2002), Davi Arrigucci Jr., fala do “homem atrás dos óculos e do bigode” na quarta estrofe do “Poema das sete faces” como alguém que:

Isolado em sua rigidez mecanicamente reafirmada pela repetição e situado atrás de tudo, se opõe ao movimento reinante do mundo dos desejos desencontrados, mas se mostra [...] auto-retrato contraposto do poeta no espelho da reflexão. (ARRIGUCCI, 2002, p. 47)

Porém essa figura se contrasta com aquela pessoal e cheia de desejos da estrofe anterior “Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.” (DRUMMOND, 2005, p. 15), além de ser diferente daquele sujeito fraco da quinta estrofe, que novamente evoca a presença de Deus por meio de uma dúvida “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.” (DRUMMOND, 2005, p. 15).

Ainda em relação à quarta estrofe, Villaça (2006) faz uma observação bastante interessante, pois, diferente das outras seis que o poema possui, em que o eu lírico se descreve, nesta o sujeito é visto sob um outro prisma, externo. É como se ele, na verdade, não reconhecesse esse homem sério e o visse com certa desconfiança, uma vez que, ao

saber-se *gauche*, não pode se identificar com aquele que parece sério e respeitável. Villaça também destaca o termo “atrás”, que, segundo ele, “pode remeter à ideia de máscara e encobrimento”. É como se o *gauche* tentasse esconder sua verdadeira face, predeterminada pelo “anjo torto”, com elementos simbólicos de maturidade e respeito, marcando a diferença entre a aparência e a essência, e o faz como um observador

Belmiro também retoma os mesmos elementos: é o homem de *pince-nez* que surge quase que por engano no capítulo 6, “Carnaval”. Formal, quer aparentar seriedade, no entanto, faz papel de uma espécie de bobo da corte. Novamente aqui vemos o contraste entre a aparência e a essência.

Imagino a figura que fiz, de colarinho alto e pince-nez, no meio daquela roda alegre, pois os foliões se engraçaram comigo, e fui, por momentos, o atrativo do cordão. [...]

Uma gargalhada espantosa explodiu em torno de mim. Deram-me uma corrida e, depois de me terem atirado confete à boca, abandonaram-me ao meio da rua, embriagado de éter. (ANJOS, 2006, p. 31)

A partir do uso de figuras tão contrastantes - o homem que se pretende sério, mas percebe que sua seriedade é cômica diante dos outros - os dois autores utilizam-se de ironia extrema. Quanto maior a comicidade que o *gauche* possui, maior será também o abismo entre essa figura e a figura séria que tenta passar.

Para alguns estudiosos de Drummond, essa é uma grande estratégia que reforça o contraste entre o ser e o mundo:

[...] o *gauchismo* se revela uma estratégia apta ao exercício de todos os paradoxos: a *persona* estética e estilística só ganha em coerência, com os sucessivos deslocamentos, tornando a descontinuidade de que se investe uma condição excelente para reproduzir o pluralismo dos fatos. (VILLAÇA, 2006, p. 53, grifo do autor)

Essa mesma ironia pode ser vista em Cyro, aliás, o próprio Villaça destaca a existência do *gauche* mineiro, “formado em percurso já clássico de intelectual no Brasil: o caminhar em busca de um centro urbano econômica e culturalmente mais avançado, em que superaria o primitivismo orgânico da província interiorana.” (VILLAÇA, 2006, p. 22).

Roberto Schwarz, em “Sobre *O amanuense Belmiro*” (1978), sublinha a ironia de Belmiro ao referir-se ao funcionalismo público como uma espécie de consolo na vida que podia ter sido, mas não foi “Meu consolo é que sou um grande amanuense.” (ANJOS, 2006, p. 21).

A ironia, de segundo grau, mal se distingue do conformismo simples; ataca o poeta mais que o funcionário, o propósito mais que o fracasso. A virtualidade não relativiza o fato; de modo que chegamos à tautologia, à cumplicidade do derrotado com a sua derrota: o poeta que não foi, não foi, e existe o burocrata. (SCHWARZ, 1978, p. 12 e 13)

Como podemos ver na citação de Schwarz, o ataque feito por Belmiro ao poeta é maior do que aquele feito ao funcionário, pois é o ser lírico, aquele que ama desmesuradamente, que se mostrará como a face verdadeiramente *gauche* e deslocada de seu tempo; ela não cabe mais ao homem que se pretende sério e respeitável e é mal executada, por isso o que resta, o que consola Belmiro a ponto de dar o título ao livro, é seu papel social de amanuense.

Sob a sombra das moças em flor

O tema das moças em flor, presente na literatura universal do século XX, também faz parte da vida e da literatura de Cyro e Drummond e é um claro resquício do Romantismo.

Essa espécie de arquétipo do amor platônico tem geralmente sua existência fora da vida deles, como uma espécie de mito, por isso, a eles nada mais resta do que a pura e simples contemplação, junto à constatação do inatingível. Em carta enviada a Drummond, Cyro fala da distância abismal entre esses seres “míticos” e ele:

[...] infelizmente para nós, o amor não pode ser tratado como um esporte físico, apenas. E, quando é esporte, perde o interesse. Há uma necessidade de drama e uma sede de tragédia.

Verifiquei nesse espaço de tempo, e em dois ou três bailes a que compareci, que é astronômica a distância que nos separa das moças em flor. São uma outra humanidade, de uma outra era. Examinando-as meticulosamente, percebi, afinal, a realidade da sucessão da incompreensão das gerações. (Carta de Cyro de 31 de junho de 1935, p. 66 e 67)

No romance de Cyro dos Anjos, quem personifica essa figura é Camila, uma moça que morreu ainda jovem, ainda “em flor”, em Vila Caraíbas (lugar da infância de Belmiro) e essa personagem terá dupla função no romance: representar o passado e o amor platônico. “Camila era a virgem na sua realização integral, ou, quem sabe, arquétipo, e não criatura. A mocidade que palpitava nela, o mistério dos seus olhos. Segredos de moças em flor, tranças de 1910 [...]” (ANJOS, 2006, p. 93)

Em outro momento, Belmiro diz que Camila era a única mulher com quem poderia

ter se casado, reforçando seu lugar no mundo de homem solteiro (vale lembrar que Belmiro está na casa dos 38). A ele, cabe apenas sonhar com essa figura, já que tê-la é impossível.

A propósito, ao falar do novo amor platônico por Carmélia, jovem rica de Belo Horizonte, Belmiro revela a impossibilidade da concretude dele pelo simples fato de sua situação financeira não ser compatível com um casamento (o dinheiro recebido pelo amanuense mal dá para as despesas da casa, com suas duas irmãs mais velhas). Além disso, no romance sabemos que Carmélia está de casamento marcado com um primo, médico recém-formado e pertencente à mesma classe social da jovem. “Já escrevi que não casarei, pois Camila se foi. E seria ridículo pensar em Arabela, isto é, em Carmélia. Ainda que viesse pedir a mão do Dom Donzel da Rua Erê.” (ANJOS, 2006, p. 116)

Na literatura de Drummond do mesmo período, o tema das moças em flor está presente no poema “Sesta”, de *Brejo das almas*. Nele também vemos que essa figura, assim como Carmélia, pertence ao outro:

As moças sorriem fora de você.
Dentro de você há um desejo torto
que elas não sabem. As moças em flor
estão rindo, dançando, flutuando no ar.
[...]
As moças vão se casar e não é com você.
Elas casam mesmo, inútil protestar. (DRUMMOND, 2013, p. 41)

Segundo Arrigucci (2002), toda a expressão do amor romântico e do contraponto com o desejo e que, no poema de Drummond, vai desembocar na constatação de um coração maior que o mundo “Mundo mundo, vasto mundo [...] mais vasto é meu coração” (DRUMMOND, 2005, p. 16), não é simplesmente uma visão egoísta do Eu, que se sente superior. Ao contrário de um sentimento de superioridade, Arrigucci vê nisso uma outra face do *gauchismo* “[...] o que está em jogo é o desajeitamento e fraqueza do poeta, e seu sentimento é propriamente o de não poder do Eu. E, por isso mesmo, se exprime modulado pela ironia e pelo humor.” (ARRIGUCCI, 2002, p. 45)

O que vemos em Cyro dos Anjos é que a constatação do ser inadaptado no seu tempo também se dá pelo amor. A figura já ultrapassada do romântico não pertence mais ao moderno, e nessa disputa de narrativas, entre o antigo e o moderno, o sujeito sente-se ainda mais deslocado, mais *gauche*, o que eleva sua ironia:

Esse absurdo do romantismo de Vila Caraíbas tem uma força que supera as

zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer, desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro. (ANJOS, 2006, p. 33)

Ainda cabe destacar uma outra instância desse sentimento de amor, em uma linha mais infantil, presente na imagem do jogo de palavras que Belmiro faz ao juntar seu sobrenome ao nome da amada: “Passei o dia todo a escrever no papel: *Arabela Borba, Carmélia Miranda Borba, Carmélia Borba*. Tolices.” (ANJOS, 2006, p. 61, grifo do autor). Essa ação, que traz piedade e comicidade, é a única boda possível entre os dois.

Imagem semelhante está presente no poema “Sentimental”, quando o sujeito revela: “Ponho-me a escrever teu nome / com letras de macarrão. / No prato, a sopa esfria, cheia de escamas / e debruçados na mesa todos contemplam / esse romântico trabalho.” Ao passo que uma voz, em apenas um verso, chama-o à realidade: “- Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!” (DRUMMOND, 2005, p. 45) .

Um dado importante para observarmos no poema é a menção ao “desejo torto” de “Sesta”, que nos remete novamente à figura do *gauche* do “Poema de sete faces”. A esse ser deslocado da realidade, figura patética, não cabe o direito nem ao menos de desejá-las, por isso, há a luta interna contra esses instintos, vistos como primários, pertencente à face *gauche* e não àquela representada pelos homens atrás dos óculos ou do *pince-nez*.

O elemento do desejo se contrasta com o sentimento mais puro - que pertence ao lugar e ao tempo passado-, mas o desejo carnal também é uma espécie de desvio de caráter, numa constante luta entre essas duas instâncias. É como se o desejo fosse impuro, mas o amor platônico fosse patético e essas forças antagônicas tornassem o “eu” ainda mais *gauche* e mais deslocado dentro da impossibilidade de praticar qualquer um deles.

Em Belmiro, a personificação desse desejo é sua amiga Jandira, porém ela o vê como um “analgésico” e não como algum possível pretendente. Ademais, ela sabe que ele, um romântico incorrigível, ama as moças em flor.

[...] hoje, ela me vê tão desejável e tão perigosa (como a saúde de Jandira convida a um higiênico idílio rural!) volto os olhos para um lado, recusando-me devaneios acerca da sua amável geografia e convocando este anjo latente e prestimoso que nos segue como sombra. (ANJOS, 2006, p. 41)

Mas isso não o impede de misturar na figura mítica de Carmélia os dois sentimentos: “Desejaria bebê-la com os olhos, obter uma imagem sua que se fixasse, em minha memória óptica, para alimento dos longos dias que passarei sem a ver. Creio que

já não quero o mito mas a pessoa.” (ANJOS, 2006, p.53)

Esse desejo carnal, tão presente na literatura de Drummond, já se manifestava em seu poema inaugural:

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada. (DRUMMOND, 2005, p. 15)

Como podemos perceber, ao ser *gauche* não há espaço, no mundo presente, aos devaneios de um amor romântico ou de um desejo irrealizável no presente.

Aliás, em vários momentos da literatura de Drummond e de Cyro o convite ao amor, seja o idílico ou o carnal, contrasta enormemente com a realidade cotidiana da vida de funcionários públicos pequeno-burgueses, e contrasta ainda mais com a situação do momento, em que há guerras e sofrimentos. Diante de tal cenário, esse convite mais soa como fuga da realidade, uma suspensão no espaço e no tempo, que representa uma alienação.

Uns fogos

Outubro de 1930 é a data do Golpe Militar no qual os generais Mena Barreto e Tasso Fragoso tiraram Washington Luís do Palácio do Catete, faltando apenas 15 dias para que Júlio Prestes tomasse posse. Após esse golpe, Getúlio Vargas toma o poder.

Não à toa as obras escritas nesse período (e em períodos de agitação política) refletem os conflitos, mesmo que ao negá-los ou subvalorizá-los. Aqueles homens ora vivendo as perdas geradas pela relação passado *versus* presente, ora sonhando com amores impossíveis, também são atravessados pelos acontecimentos.

Em seu poema “Outubro 1930”, inserido tardiamente em *Alguma Poesia*, Drummond nos apresenta um panorama geral desses acontecimentos ora dando tom de escritor, ora de jornalista, mas não deixa de dar também o tom pessoal e em prosa, de alguém que, passivamente, acompanha as notícias.

Pelo Brasil inteiro há tiros, granadas,
literatura explosiva de boletins,
mulheres carinhosas cosendo fardas
com bolsos onde estudantes guardarão retratos
das respectivas, longínquas namoradas,

homens preparando discursos,
outros, solertes, captando rádios,
minando pontes,
outros (são governadores) dando o fora [...]" (DRUMMOND, 2005, p. 111)

Nós descansávamos, jogados sobre poltronas, e abríamos para as notícias olhos que não viam, olhos que perguntavam. Às 3 da madrugada, pontualmente, começava o tiroteio." (DRUMMOND, 2005, p. 109)

O tom pessoal de Drummond será igual àquele usado por Belmiro para descrever os mesmos eventos históricos. No capítulo intitulado "Um 'fogo'", diante da pergunta de sua irmã Emília sobre os tiroteios que ouvira na noite anterior (cabe lembrar que o ano desse fato era 1935), ele utiliza-se da mesma explicação reduzida e simplificada que dera a ela em 1930:

Para satisfazer à sua curiosidade, que tão raro se exercita, servi-me da mesma explicação dada durante a revolução de 1930: fora uma briga de dois coronéis, gente graúda. De outro modo, ser-lhe-ia difícil compreender.

[...] Emília me perguntou se o "fogo" de agora ia durar e se se estenderia a Belo Horizonte.
- Não, não, disse eu, tranquilizando-a. O Governo entrou no meio e prendeu todos. (ANJOS, 2006, p. 168 e 170)

É importante observarmos que o lugar ao qual Belmiro renega os acontecimentos históricos já está presente no título; quando escolhe a palavra "fogo" para descrever uma revolução e ainda utiliza o artigo indeterminado "um", como se tudo se limitasse a apenas um único, desimportante e breve fato isolado, sem consequências futuras.

Vale mencionar que a simplificação dos acontecimentos políticos e uma certa alienação em relação a eles é uma das características mais marcantes do temperamento de Belmiro, que está sempre pronto a fugir de tomar partido diante da polarização política tão forte da época. Assumidamente um "procurador de amigos", ele se recusa a ideia de ter que perdê-los para as questões ideológicas vigentes.

Marlene Bilenky (1992) nos chama a atenção para o capítulo citado. Segundo ela, a resposta que ele dá à irmã: "O Governo entrou no meio e prendeu todos" é "um pouco bizarra para quem está ciente da turbulenta situação brasileira da época." (BILENKY, 1992, p. 73).

Ainda segundo a autora, essa resposta seria um dos disfarces que Cyro dos Anjos usa para colocar em seu texto elementos do cotidiano que questionariam a política nacional da época – entre esses acontecimentos, está a polarização política e a necessidade

de um posicionamento –, como podemos ver em um diálogo entre Belmiro e seu amigo Redelvim:

- Afinal, que é que você é, na ordem das coisas? perguntou-me.
- Talvez um “individual-socialista”, respondi, para lhe satisfazer. Você achará absurdo, mas não encontro vocábulo que me defina. Talvez esses dois juntos sirvam para isso. Se vier a revolução, não é preciso, porém, que me deportem ou fuzilem. Sou um sujeito inofensivo, para todos os regimes... (ANJOS, 2006, p. 110)

Porém a necessidade de tomada de posicionamento político não se limita apenas às personagens ou aos textos literários. Em uma carta enviada a Drummond, Cyro fala mais abertamente sobre o tema. “Por sinal que, sinceramente socialista, sinto remorso de ser proprietário, e, para atenuar os remorsos, dispus-me a cultivar a terra, que era um mato até hoje inulto [...]” (Carta de Cyro, 1º de junho de 1932, p. 54).

Anos mais tarde, em carta enviada em 1935, período em que acontecia a Intentona Comunista liderada por Luís Carlos Prestes e no qual a polarização política estava a todo vapor (mesmo período em que estava sendo escrito *O Amanuense Belmiro*), Cyro se descreve como “social-democrata”, mas nesse momento seu tom é diferente daquele em que apenas descreve um posicionamento. Nessa carta, sua desilusão com o cenário político é grande, o que pode justificar também a abordagem tão superficial de “Um ‘fogo’”.

O mesmo tom desiludido e melancólico será utilizado por Drummond em “Segredo”, de *Brejo das Almas*. Aliás, o livro é muito mais sombrio e hermético que o anterior e sempre nos remete a uma sensação de sufocamento, de emparedamento, como se não houvesse saída para nenhum problema.

Ouçó dizer que há tiroteio
ao alcance do nosso corpo.
É a revolução? O amor?
Não diga nada. (DRUMMOND, 2013, p. 39)

Nenhum desejo neste domingo

Esse é o título do capítulo 47 de *O Amanuense Belmiro* e descreve um domingo calmo, sem nenhum acontecimento da ordem sentimental que o perturbe, tanto que termina o dia indo ao bar e, ao voltar para a casa, encontra-se com seu vizinho Giovanni.

Tanto o título quanto o tema são retirados de “Poema que aconteceu” de

Drummond, no qual narra uma espécie de apaziguamento entre aquele que escreve e sua escrita em um domingo qualquer:

Nenhum desejo neste domingo
nenhum problema nesta vida
[...]
A mão que escreve este poema
não sabe que está escrevendo
mas é possível que se soubesse
nem ligasse. (DRUMMOND, 2005, p. 51)

A paz proporcionada pela literatura também está presente em alguns momentos na vida de Belmiro: “Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico.” (ANJOS, 2006, p. 197), porém, em geral, a escrita do amanuense e do literato é mais árdua do que aparenta, pois muitas vezes carrega toda a contradição entre o mundo e o sujeito.

O “eu” que chega da rua é analisado por uma espécie de um eu narrador: “Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, um outro há que analisa e estetiza o sofrimento.” (ANJOS, 2006, p. 30). Essa mesma espécie de duplicidade do “eu” é observada por Arrigucci Jr. também em relação à poesia de Drummond; mesmo aquela produzida na então capital, Rio de Janeiro.

Parece que foram trabalhados com a discrição irônica que o autor trazia do interior de Minas. Discrição ou timidez, a reserva era um misto de confiança e acinte, de confissão e agressão, supondo sempre um Eu reflexivo atrás do Eu, com o efeito paradoxal de mudar substancialmente à direção do próprio senso de humor, na sua combinação insólita da graça felina com gravidade. (ARRIGUCCI, 2002, p. 29)

Ainda segundo o autor de *Coração Partido*, essa espécie de chiste que é o desdobramento do “eu”, cheio de ironia, se une à reflexão e aponta a cena dessa duplicidade como “uma fantasia do Eu sobre o Eu; ela é a imagem projetada da subjetividade que se dobra sobre si mesma; não um mero registro de fatos, mas um meio de pensamento.” (ARRIGUCCI, 2002, p. 57).

A ideia da paz alcançada com a escrita, referida por um Belmiro “olímpico”, é contrastada com a imagem do “eu” dividido, contraditório que dá o tom da narrativa. Ao admitir um possível leitor, ele reconhece a irregularidade de seu texto como reflexo de seu “eu” dividido e essa característica também o envergonha em certa maneira, pois

gostaria de ser plano, um “homem sem abismos”, como seu amigo Florêncio.

Em todo este esboço de livro, um problemático leitor futuro sentirá os abalos que tais desnivelamentos determinam.

Desejaria planar suavemente, conduzindo, sem tropeços, os que me acompanham. Mas falta-me engenho para isso e nem poderia pô-lo nestes apontamentos íntimos, sem o risco de falseá-los. (ANJOS, 2006, p. 95)

A sensação da falta de comunicabilidade também é um traço forte em Drummond. Antonio Candido (1970) aponta uma espécie de “incomunicabilidade, tanto do plano da existência quanto no da criação”; segundo ele, “o homem retorcido e enrodilhado, que tenta projetar-se no mundo igualmente torto [*gauche*], é grave pela paralisia que pode trazer, anulando a existência.” (CANDIDO, 1970, p. 113-115, grifo nosso).

Mais vasto é meu coração

No penúltimo capítulo do romance de Cyro, intitulado “Mundo, mundo”, Belmiro descreve um sonho em que encontra três poetas em um trem: o poeta irônico, o místico e o sem nome. O poeta irônico irá utilizar vários trechos do “Poema das sete faces”; o místico, o do poema “Interrogação”, do também poeta mineiro Emílio Moura, e o sem nome a canção infantil “Pirulito que bate, bate”. Nessas três figuras também há o elemento da multiplicidade, mas que vai desembocar em uma unidade quando, no final da descrição do sonho, todos os três poetas estão cantando “a *una voce*: ‘Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração’” (ANJOS, 2006, p. 227).

João Luiz Lafetá (2004) destaca a importância da procura de Belmiro por sua identidade para que consiga, assim, encontrar o sentido de sua vida e faz isso utilizando-se de imagens do cotidiano.

Mas porque o problema é procurar a si próprio, e porque só procuramos saber “o que somos” para conhecer “o para que somos”, em suma, para estabelecer o equilíbrio entre essência e existência, é que o livro se voltará inapelavelmente para a práxis cotidiana e o tempo presente se instalará absoluto entre as recordações da infância, um perturbando as outras. (LAFETÁ, 2004, p. 29)

É esse mesmo cotidiano o que alimenta a poesia de Drummond e, segundo Antonio Candido (1970), faz com que ela o apreenda de forma não apenas a transformá-lo em momento poético, mas sim em poesia:

[...] sua poesia difere da de outros modernistas, inclusive Mario de Andrade,

que tentam fixar o cotidiano a fim de obterem um “momento poético” suficiente em si mesmo; ele, ao contrário, procede a uma fecundação e a uma expansão do fato, para chegar a uma espécie de discreta epopeia da vida contemporânea. Isto talvez se ligue à capacidade de injetar fantasia nas coisas banais [...] (CANDIDO, 1970, p. 109)

Justamente por abordar o cotidiano, o lirismo do *gauche*, como falamos, parece algo distorcido da própria realidade e, em seu segundo livro, surge de forma a contrastar com todas as questões sociais do momento. Porém, para vários críticos de Drummond, esse contraste é apenas aparente. Vagner Camilo, em “No atoleiro da indecisão” (2006), traz uma análise contundente sobre essa temática em *Brejo das Almas*; ele diz:

Por mais pessoal que [*Brejo das Almas*] seja, tão aparentemente alheia a toda sorte de injunções do contexto, a temática não deixa de reverberar muito do conflito vivido pelo poeta com sua indecisão quanto às exigências e solicitações do momento. (CAMILO, 2006, p. 127, grifo nosso)

O crítico vai além e aponta que justamente o uso das figuras femininas e suas implicações escondem uma aparente neutralidade política.

[...] a *neutralidade política* do cenário em que o eu projeta suas figuras femininas não é gratuita. Sendo uma projeção das carências do eu lírico, é esse um modo de ressaltar a própria condição do poeta que, na impossibilidade de se definir ideologicamente, permanece centrado em seu individualismo e na sua problemática amorosa. Drummond acaba, assim, por atestar de forma cabal a articulação existente entre obsessão sexual e neutralidade política. (CAMILO, 2006, p. 138, grifo do autor)

A mesma estratégia de fugir de assuntos de cunho político é encontrada em Belmiro: “[...] o chefe da Seção pediu-me que comparecesse ao desembarque do Ministro. Ir, ou não ir, eis a questão. Qual, o melhor é irmos ao Parque ver morenas que não nos verão.” (ANJOS, 2006, p. 131 e 132). Além disso, nas cartas trocadas entre os dois escritores, esses temas são muito presentes, até mesmo porque, na condição de funcionários públicos, são profundos conhecedores do cenário político do país e falam abertamente sobre o tema - ambos são ligados a Gustavo Capanema, que chegou a ser ministro da Educação e Saúde no governo de Vargas.

Antonio Candido (MICELI, 2001) diz ser necessário diferenciar os intelectuais que “servem” daqueles que “se vendem” ao estado e aponta como exemplo dos dois tipos Drummond, de um lado, e Cassiano Ricardo, de outro, mas podemos encontrar no mesmo livro de Miceli vários exemplos de intelectuais que apenas serviam ao Estado e que não se deixavam influenciar por ele em sua produção literária. Aliás, o próprio Candido

(1970) já apontava a presença da consciência social e “uma espécie de militância através da poesia” do poeta como “possibilidade de resgatar a consciência do estado de emparedamento e a existência da situação de pavor.” (CANDIDO, 1970, p. 105).

Em certa medida, podemos apontar essa consciência na obra de Cyro que, embora não seja reconhecido hoje como um escritor que tratasse de política, não deixa de fazê-lo, mesmo que a partir da indecisão e de uma busca desesperada de alienamento por parte de seu narrador. Luís Bueno aponta a sutileza que o autor utiliza para trazer questões do cotidiano:

O Amanuense Belmiro pode ser lido como a figuração de uma impossibilidade de isolamento do intelectual. Mesmo que ele não queira, como Belmiro não quer, o presente o alcançará. É por isso que o principal das ações desse romance se passará nesse período: para demonstrar quantas incidências dos acontecimentos políticos, que horrorizam Belmiro, chegam a ele. (BUENO, 2006, p. 573 e 574).

Aliás, não podemos nos esquecer que o romance de Cyro foi construído utilizando muito do repertório de crônicas produzidas por ele em *A Tribuna*, *Estado de Minas*, entre outros jornais de circulação na época.

Tendo em vista a presença de elementos cotidianos, ligados a acontecimentos políticos e sociais, a aparente individualidade que beira o egoísmo da frase “mais vasto é meu coração” pode também apontar para a vastidão do ser que está diante das mais variadas questões. Adotando essa perspectiva, no coração cabem também as preocupações, medos e angústias da existência em um mundo de conflitos – em seus mais variados aspectos e espectros –; portanto, ao trazê-los à tona, seja de forma explícita como apontamos no capítulo “Uns fogos” ou por meio da imagem do ser que deseja, os escritores abrem espaço para que a discussão se dê, nem que seja pela via da falta de ação – como aquela apontada por Mário de Andrade (1974) – do sujeito fracassado e incapaz de agir com a mesma força da geração de 20.

Será por meio de um tom mais universal, como o das “moças em flor”, ou dos impasses políticos não panfletários, como víamos de forma contundente na literatura regionalista do mesmo período, que a ação é feita. Em carta de 17 de novembro de 1936, Drummond reconhece o papel do poeta (e, por extensão, da poesia) como uma resposta aos eventos históricos da época: “Estou convencido de que o poeta não pode se alhear aos espetáculos do mundo e que também ele tem uma missão social a cumprir no momento.”

(MIRANDA; SAID, 2012, p. 91). Vale ressaltar que o período em que a carta foi escrita é o intervalo entre *Brejo das Almas* e *Sentimento do Mundo*, sendo esse último considerado pelos críticos um momento de abertura de Drummond aos temas sociais que se farão mais presentes ainda em *A rosa do povo*, de 1945.⁹

No final de “Mãos dadas” (DRUMMOND, 2012), o poeta fala sobre a necessidade do enfrentamento da realidade. Esse poema é uma espécie de chamamento e podemos já vislumbrar a coletividade que será uma tônica no livro de 45. Aqui, ideias como amor enquanto refúgio, fuga, suicídio, são referidas como negação - o que difere de vários outros poemas em que aparecia como única solução.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista na janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
[presentes,
a vida presente. (DRUMMOND, 2012, p. 34).

O mesmo chamamento, de maneira muito mais subjetiva, aparece no romance de Cyro dos Anjos quando Belmiro tenta entrever um futuro no qual algo precisa ser feito. E termina seu livro com um questionamento de uma ação coletiva, feita com o outro: “– O que faremos, Carolino amigo?” (ANJOS, 2006, p. 228).

Considerações finais

A complexidade dos dois autores faz parte de um panorama histórico, político e social no qual estão inseridos e a tonalidade “mineira” se dá pela via do lirismo atravessado pelo *gauchismo*. São fatores que dão solidez às suas produções literárias, tornando-as universais, sem deixar de lado o cotidiano: “[...] o que caracteriza as figuras literárias mineiras é uma força e um equilíbrio que nenhuma outra frente possui. [...] sua concepção é mais ampla, mais universal, tem o verdadeiro sentido da arte” (REBELLO apud NOBILE, 2006, p. 50).

A ironia enquanto tentativa de enfrentamento também é uma característica própria

⁹ Muitos críticos apontam a importância dos títulos na obra do poeta em uma espécie de progressão segundo a qual *Brejo das Almas* teria um sentido mais fechado, contrastando com a imagem coletiva de *A Rosa do Povo*.

dessa literatura e, se não aponta uma solução, já que “todos os problemas são insolúveis” (ANJOS, 2006, p. 15), ao menos faz o sujeito se questionar sobre o “mundo caduco” que restou e seu papel nele - seja de amanuense, de romântico ou cômico (ou ainda irônico, místico e sem nome).

Por conta dessas características, os dois escritores mineiros são tão atuais e necessários, uma vez que muitos conflitos apresentados, de um teórico “mundo caduco”, ainda estão presentes. O mesmo ser fragmentado de outrora não encontrou sua aspirada unidade e lê-los nos faz, se não encontrá-la, ao menos perceber que não estamos sozinhos nessa procura.

Submissão: janeiro de 2021

Aceite: abril de 2021

Referências:

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Brejo das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *José*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *A Rosa do Povo*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1945.
- ANDRADE, Mario. A elegia de abril. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.
- ARRIGUCCI JR. Davi. *Coração Partido*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- BILENKY, Marlene. *A poética do desvio: a forma diário em O amanuense Belmiro de Cyro dos Anjos*, 1992, V.1 (Tese de doutorado), Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*, São Paulo, EDUSP, 2006.
- CAMILO, Vagner. “No atoleiro da indecisão: *Brejo das almas* e as polarizações ideológicas nos anos 1930” In: ABDALA JUNIOR, Benjamin e CARA, Salette de Almeida (orgs.). *Moderno de nasença: figurações críticas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- CANDIDO, Antonio. “Estratégia” in. *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria duas cidades, 1970.
- LAFETÁ, João Luiz. “À sombra das moças em flor”. In: *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, Wander Melo e SAID, Roberto (orgs.). *Cyro & Drummond: Correspondências de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2012.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos*. São Paulo: Annablume, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. “Sobre *O amanuense Belmiro*” In: *O pai de família e outras histórias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.